

São Paulo, 05 de janeiro de 2012.

NOTA À IMPRENSA

## **Em três capitais, alta da cesta supera 10%, em 2011**

Em 2011, três das 17 capitais onde o DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – realiza mensalmente a Pesquisa Nacional da Cesta Básica apresentaram alta acima de 10% no preço do conjunto de produtos alimentícios essenciais. As maiores elevações foram apuradas em Vitória (13,80%), Belo Horizonte (11,75%) e Florianópolis (10,20%). Em Natal, a variação acumulada foi negativa (-3,38%), e pequenos aumentos ocorreram em Manaus (1,48%) e Curitiba (1,91%), como mostra a Tabela 1. Em 2010, as altas foram mais expressivas e 14 capitais registraram aumento acima de 10,0%.

Em dezembro, houve recuo nos preços dos produtos básicos em cinco localidades: Florianópolis (-2,28%), Curitiba (-1,80%), Porto Alegre (-0,99%), Manaus (-0,98%) e Brasília (-0,50%). Nas outras 12 cidades os preços subiram. Os maiores aumentos foram registrados em Goiânia (5,58%), Vitória (4,35%) e Fortaleza (4,25%).

Com a alta de 0,35% verificada em dezembro em São Paulo, a capital paulista superou Porto Alegre e registrou o maior valor para o custo da cesta, que chegou a R\$ 277,27. Na capital gaúcha o valor foi de R\$ 276,86, enquanto Vitória teve o terceiro maior preço, com R\$ 275,39. Aracaju (R\$ 182,22), João Pessoa (R\$ 204,21) e Salvador (R\$ 208,82) registraram os menores valores.

Com o valor da cesta apurado na capital com o maior custo para os produtos básicos – que em dezembro foi São Paulo - o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário, levando em consideração preceito constitucional que estabelece que o salário mínimo deve suprir as despesas de um trabalhador e sua família com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência. Em dezembro, o salário mínimo necessário deveria ser de R\$ 2.329,35, ou seja, 4,27 vezes o mínimo em vigor, de R\$ 545,00. Em novembro, o menor salário pago deveria corresponder a R\$ 2.349,26, o que representa 4,31 vezes o mínimo vigente. Em dezembro de 2010, o mínimo necessário era estimado em R\$ 2.227,53, ou seja, 4,37 vezes o piso de então, de R\$ 510,00.

**TABELA 1**  
**Pesquisa Nacional da Cesta Básica**  
**Custo e variação da cesta básica em 17 capitais**  
**Brasil – dezembro de 2011**

Capital	Variação Anual (%)	Variação Mensal (%)	Valor da Cesta (R\$)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de Trabalho
Vitória	13,80	4,35	275,39	54,92	111h 10min
Belo Horizonte	11,76	2,85	264,01	52,65	106h 34min
Florianópolis	10,20	-2,28	262,44	52,34	105h 56min
Porto Alegre	9,80	-0,99	276,86	55,22	111h 46min
Rio de Janeiro	8,34	0,46	262,90	52,43	106h 07min
Belém	7,81	0,38	243,75	48,61	98h 24min
Brasília	6,08	-0,50	247,88	49,44	100h 04min
Goiânia	5,15	5,58	246,70	49,20	99h 35min
João Pessoa	5,13	3,00	204,21	40,73	82h 26min
Recife	5,10	2,60	215,99	43,08	87h 11min
Fortaleza	4,65	4,25	215,21	42,92	86h 52min
São Paulo	4,57	0,35	277,27	55,30	111h 56min
Aracaju	3,60	0,24	182,22	36,34	73h 33min
Salvador	3,53	1,81	208,82	41,65	84h 18min
Curitiba	1,91	-1,80	248,63	49,59	100h 22min
Manaus	1,48	-0,98	255,79	51,02	103h 15min
Natal	-3,38	3,09	212,36	42,35	85h 43min

Fonte: DIEESE

## Cesta x salário mínimo

Para comprar os gêneros alimentícios essenciais, o trabalhador que ganha salário mínimo precisou cumprir, na média das 17 capitais pesquisadas pelo DIEESE, uma jornada de 97 horas e 22 minutos, em dezembro de 2011. Em novembro, a mesma aquisição demandava cerca de uma hora a menos, ficando em 96 horas e 13 minutos. Já em dezembro de 2010, o tempo de trabalho necessário correspondia a 98 horas e 11 minutos, também na média das 17 capitais.

Resultado semelhante pode ser obtido quando é realizada comparação entre o custo médio da cesta e o salário mínimo líquido (após o desconto da parcela correspondente à Previdência). Em dezembro de 2011, o custo da cesta representava 48,11% do mínimo líquido, pouco menos que um ano antes, quando chegava a 48,51%. Já em novembro de 2011, o comprometimento era de 47,54% do rendimento líquido.

## Comportamento dos preços

Em 2011, parte dos alimentos essenciais teve alta generalizada. Café e óleo de soja subiram em todas as 17 capitais pesquisadas; o tomate em 16; carne bovina e pão francês em 15. Por outro lado, os preços do feijão e arroz tiveram queda em 16 localidades.

A alta verificada no café chegou a registrar variações expressivas, como ocorreu em Belo Horizonte (34,89%), Curitiba (33,68%) e Florianópolis (31,22%) e apenas duas cidades – Salvador (5,35%) e Aracaju (2,50%) – tiveram aumento abaixo de 13%. Houve seca nos meses de inverno e as temperaturas baixas prejudicaram a florada, provocando atraso e, conseqüentemente, prejudicando também a colheita. Além disso, a cotação internacional do produto aumentou devido ao crescimento da demanda por parte de países asiáticos, uma vez que houve quebra na safra do Vietnã, um grande produtor. Também a variação mensal do café registrou predomínio de alta, comportamento apurado em 14 localidades, com destaque para Vitória (8,47%) e Goiânia (6,04%) e retração em Aracaju (-0,81%), Rio de Janeiro (-1,54%) e Brasília (-6,48%).

Taxas elevadas foram encontradas para o óleo de soja, que subiu 19,01%, em Salvador; 16,15%, em Aracaju e 15,75%, em Manaus, enquanto as menores variações ocorreram em São Paulo (3,75%) e Porto Alegre (1,84%). Estoques mais reduzidos de soja e demanda expressiva da Índia, onde houve quebra da safra em função de forte calor, e da China contribuíram para o crescimento interno dos preços.

O aumento, em 2011, do preço do tomate em 16 capitais apresentou taxas exorbitantes, como as registradas em Vitória (121,99%), Belo Horizonte (96,03%) e Rio de Janeiro (83,13%). O produto é muito sensível ao clima – seja pelo excesso de sol, de chuvas intensas ou de seca e frio – como ocorreu ao longo de 2011. Apenas em Natal (-18,50%) houve redução.

A carne ficou mais cara em 15 cidades, em 2011 – tal como se verificou no comportamento mensal. Os maiores aumentos, no ano, foram anotados em Florianópolis (12,53%), Vitória (11,47%) e Porto Alegre (8,56%). Reduções foram apuradas em Curitiba (-0,51%) e Salvador (-2,53%), enquanto em Aracaju houve estabilidade. Já em dezembro, comparado com novembro, os principais aumentos ocorreram em Goiânia (10,84%), Vitória (7,08%) e João Pessoa (6,00%). As carnes, em geral, têm alta no final do ano devido ao aumento do consumo no período de festas natalinas. Além disso, o clima – com seca ao longo do ano e

fortes chuvas em determinadas regiões provocando o alagamento de pastagens – prejudicou a engorda do gado.

O preço do pão subiu em 15 capitais, com destaque para Natal (11,17%) e Manaus (10,00%). Em Belém não foi constatada alteração e em Salvador (-0,80%) houve pequena redução. O Brasil não é auto-suficiente na produção do trigo e a colheita nacional foi muito prejudicada pela seca, obrigando o país a aumentar a importação, o que encarece o preço das massas em geral, e em particular, do pão. Em dez localidades, o preço do pão subiu em dezembro, com as maiores altas verificadas em Natal (3,89%) e Porto Alegre (3,41%). Em Manaus houve estabilidade e dentre as cinco capitais com recuo, os maiores ocorreram em Belo Horizonte (-0,59%) e Rio de Janeiro (-0,97%).

Catorze cidades tiveram alta no preço do leite em um ano, com as maiores taxas observadas em Natal (18,67%), Belém (12,12%) e Florianópolis (11,96%). Em Aracaju, o leite manteve o mesmo patamar de dezembro de 2010 e as reduções ocorreram em Manaus (-4,07%) e Salvador (-9,29%). O fator climático, com seca prolongada e chuvas pesadas, foi o principal motivo de queda na produção e conseqüente elevação. Como o período de verão é quando há maior produção de leite, caso o clima dê trégua, pode haver estabilidade e até queda no preço nos próximos meses.

Três produtos destacaram-se pelo predomínio de retração no preço em 2011.

A queda no caso do feijão ocorreu em 16 localidades, especialmente em Natal (-23,14%), Salvador (-20,44%) e Recife (-18,14%). Apenas em Belo Horizonte (7,69%) houve alta. No entanto, na comparação com novembro, o produto subiu em 15 cidades, com o maior aumento verificado em Goiânia (19,71%). Ainda assim, o feijão tem agora preço menor que no final de 2010. O produto pode ser plantado durante todo o ano, havendo pelo menos três safras, a principal em colheita atualmente, mas que foi prejudicada pelas recentes chuvas.

Dentre as 16 capitais onde o preço do arroz caiu, os destaques foram Natal (-16,28%) e Manaus (-13,13%). O cereal tem o mesmo ciclo que o feijão, estando agora mais barato que em 2010. Em relação a novembro, o arroz subiu em 11 cidades, com cinco delas registrando alta na casa de 4,0%: Vitória (4,61%), Belo Horizonte (4,42%), Salvador (4,41%), João Pessoa (4,28%) e Florianópolis (4,05%).

**Tabela 2**  
**Varição anual do gasto por produto**  
**2011**

Produtos	Centro-Oeste		Sudeste				Sul			Norte/Nordeste							
	Brasília	Goiânia	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Vitória	Curitiba	Florianópolis	Porto Alegre	Aracaju	Belém	Fortaleza	João Pessoa	Manaus	Natal	Recife	Salvador
Total da Cesta	6,08	5,15	11,76	8,34	4,57	13,80	1,91	10,20	9,80	3,60	7,81	4,65	5,13	1,48	-3,38	5,10	3,53
Carne	4,85	6,11	7,01	2,49	0,65	11,47	-0,51	12,53	8,56	7,47	3,63	3,53	6,64	4,84	0,49	0,87	-2,53
Leite	8,07	9,80	9,95	5,79	9,40	5,93	6,77	11,96	4,97	0,00	12,12	8,82	9,05	-4,07	18,67	8,22	-9,29
Feijão	-12,57	-10,36	7,69	-10,07	-10,12	-11,67	-11,90	-17,71	-6,49	-12,64	-15,31	-10,28	-12,84	-12,23	-23,14	-18,14	-20,44
Arroz	-8,90	-0,55	-2,07	-9,24	-5,50	-5,36	-5,17	-3,23	-1,71	-6,17	-1,87	-0,62	-3,79	-13,13	-16,28	2,09	-9,41
Farinha	9,26	-8,25	8,82	2,17	1,27	-9,42	-3,07	0,00	11,79	-3,72	2,82	-6,90	4,79	-29,87	2,70	8,73	-12,28
Batata	0,00	-14,39	-4,26	-0,77	-5,68	6,88	-2,50	-6,17	-8,70								
Tomate	57,42	41,78	96,03	83,12	29,41	121,99	39,18	48,84	47,83	14,16	45,98	20,76	27,78	10,16	-18,50	31,82	51,63
Pão	1,59	0,14	2,91	4,82	6,53	6,06	0,88	4,49	5,30	2,16	0,00	6,69	4,27	10,00	11,17	7,27	-0,80
Café	13,23	22,48	34,89	22,60	22,66	21,47	33,68	31,22	27,68	2,50	14,57	19,53	28,78	28,57	28,99	25,51	5,35
Banana	8,80	14,57	6,51	5,55	8,15	19,77	-15,22	9,78	9,53	0,92	1,10	-1,65	-3,75	-1,72	-26,31	1,83	18,46
Açúcar	5,45	-2,08	0,53	5,74	-0,86	-4,08	5,43	10,70	3,69	17,76	7,69	-2,40	-3,00	-0,50	-1,46	8,08	-1,76
Óleo	7,28	11,76	9,22	9,77	3,75	5,42	10,39	14,59	1,84	16,15	5,21	7,24	8,67	15,75	14,34	9,70	19,01
Manteiga	-3,56	-3,79	8,95	12,66	5,41	10,54	7,50	4,01	6,62	2,11	26,70	7,36	4,49	-13,22	-1,03	23,04	-3,45

Fonte: DIEESE. Pesquisa Nacional da Cesta Básica

Obs: Podem ocorrer pequenas diferenças nas variações em ao texto, pois os dados desta tabela derivam do cálculo resultante do preço dos produtos multiplicado pelas quantidades estabelecidas na cesta

Pesquisada apenas nas nove capitais do Centro-Sul do país, a batata apresentou recuo em sete, em especial em Goiânia (-14,39%) e Porto Alegre (-8,70%). Em Brasília o preço é igual ao de um ano atrás e em Vitória (6,88%) ocorreu a única alta. Boa safra e importação explicam a queda de preço. As variações anuais dos produtos podem ser vistas na Tabela 2.

## São Paulo

Em dezembro, o custo do conjunto de alimentos essenciais, em São Paulo, voltou a superar a de Porto Alegre e foi a mais cara entre as 17 capitais onde o DIEESE realiza a pesquisa da cesta básica, com os 13 produtos que a compõem custando R\$ 277,27. Em um ano, os gêneros alimentícios subiram 4,57%, uma vez que em dezembro de 2010 a mesma cesta custava R\$ 265,15. Em relação a novembro de 2011, a alta foi de 0,35%.

Quatro, dos 13 produtos que compõem a cesta básica acompanhada para a capital paulista tiveram queda em seus preços, em 2011: feijão cariquinho (-10,12%); batata (-5,68); arroz agulhinha (-5,50%) e açúcar refinado (-0,86%). Os outros nove itens subiram com os maiores aumentos registrados para tomate (29,41%) e café em pó (22,66%). Nos demais produtos, a variação foi mais modesta, correspondendo a 9,40% para leite *in natura* integral; 8,15%, para a banana nanica; 6,53%, para o pão francês; 5,41%, para a manteiga; 3,75%, para o óleo de soja; 1,27%, para a farinha de trigo e 0,65%, no caso da carne bovina de primeira.

Em dezembro, foram cinco os produtos com recuo nos preços: tomate (-11,75%), batata (-9,29%), leite (-1,18%), manteiga (-1,07%) e açúcar (-0,43%). Os aumentos ocorreram para: carne (4,70%); feijão (4,10%); café (3,43%); banana (1,23%); arroz (1,07%); farinha de trigo (0,95%) e pão francês (0,56%). O preço do óleo de soja manteve-se estável em relação a novembro.

Em dezembro de 2011, o trabalhador paulistano remunerado pelo salário mínimo comprometeu 111 horas e 56 minutos de sua jornada mensal para adquirir os gêneros essenciais, tempo ligeiramente menor que o exigido em igual mês, em 2010, quando chegava a 114 horas e 23 minutos. Em relação, a novembro a jornada exigida foi ligeiramente maior, já que naquele mês eram necessárias 111 horas e 32 minutos.

Raciocínio semelhante pode ser efetuado quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto referente à Previdência Social. Esta relação correspondia a 55,30% em dezembro de 2011, contra 56,51% em igual mês, em 2010 e 55,11%, em novembro último.

Com o aumento nos preços dos alimentos básicos na capital paulista no último ano, o comprometimento do salário mínimo com a compra da cesta básica – na média anual – ficou em 108 horas e 35 minutos, quase duas horas a mais que em 2010, quando correspondia a 106 horas e 56 minutos e cerca de uma hora a menos que em 2009. Também o percentual do salário mínimo comprometido com a compra aumentou em 2011, chegando a 49,35%, contra 48,61%, em 2010. Em 2009, eram necessários 49,47% (Tabela 3).

**TABELA 3**  
**Pesquisa Nacional da Cesta Básica**  
**Comprometimento do salário mínimo com a compra da cesta básica**  
**Município de São Paulo – 1959/2011**

Ano	Cesta Básica x Salário Mínimo em %	Jornada de Trabalho Necessária	Ano	Cesta Básica x Salário Mínimo em %	Jornada de Trabalho Necessária
1959	27,12	65H 5 MIN	1986	78,89	189H 20 MIN
1960	33,96	81H 30 MIN	1987	86,86	208H 28 MIN
1961	29,96	71H 54 MIN	1988 <sup>(2)</sup>	71,34	167H 48 MIN
1962	39,50	94H 48 MIN	1989	77,88	171H 20 MIN
1963	40,97	98H 20 MIN	1990	92,42	203H 19 MIN
1964 <sup>(1)</sup>	-	-	1991	74,79	164H 32 MIN
1965	36,74	88H 10 MIN	1992	85,56	188H 14 MIN
1966	45,62	109H 15 MIN	1993	78,07	171H 46 MIN
1967	43,85	105H 14 MIN	1994	102,35	225H 10 MIN
1968	42,33	101H 35 MIN	1995	99,69	219H 18 MIN
1969	45,97	110H 20 MIN	1996	88,08	193H 46 MIN
1970	43,82	106H 11 MIN	1997	81,32	178H 56 MIN
1971	46,58	111H 48 MIN	1998	81,98	180H 22 MIN
1972	49,65	119H 09 MIN	1999	79,86	175H 42 MIN
1973	61,25	147H 00 MIN	2000	78,47	172H 38 MIN
1974	68,10	163H 26 MIN	2001	73,51	161H 42 MIN
1975	62,36	149H 39 MIN	2002	70,53	155H 10 MIN
1976	65,63	157H 30 MIN	2003	73,20	161H 04 MIN
1977	59,30	142H 19 MIN	2004	68,09	149H 48 MIN
1978	57,34	137H 37 MIN	2005	62,60	137H 43 MIN
1979	63,78	153H 04 MIN	2006	52,67	115H 53 MIN
1980	65,57	157H 22 MIN	2007	51,95	114H 17MIN
1981	62,36	149H 40 MIN	2008	57,68	126H 54 MIN
1982	54,74	131H 22 MIN	2009	49,47	109H 53 MIN
1983	73,56	176H 33 MIN	2010	48,61	106H 56 MIN
1984	81,10	194H 38 MIN	2011	49,35	108H 35 MIN
1985	74,38	178H 30 MIN			

Fonte: DIEESE

Nota: (1) Por motivos alheios a sua vontade, o DIEESE não possui os preços de 1964

(2) De janeiro a setembro, foi considerada a jornada legal de 240 horas. De outubro a dezembro, 220 horas.